

A realidade das aulas de Educação Física de uma escola da zona rural no interior de Minas Gerais

Ademir Goulart Dias ¹
Cláudio Luiz Neves Júnior ²

Resumo: Este estudo objetivou analisar a realidade das aulas de Educação Física de uma escola da zona rural do interior de MG. Foi realizado um estudo de campo com abordagem quali-quantitativa com coleta de dados por meio de dois questionários, um aplicado a 24 (n=32,87%) alunos do ensino fundamental II, e outro a professora. Os dados foram tratados a partir de uma análise estatística descritiva. Na percepção da professora o número de aulas são poucas, uma por semana, o que vai de encontro ao pensamento dos alunos (95,83%). Os espaços e materiais da escola, mais de 50% julgam ser ruim, o que também é relatado pela professora. 52% vêm nas aulas de Educação Física uma forma de se distraírem, divertirem e recrearem. Conclui-se que na perspectiva dos alunos, a realidade das aulas de Educação Física na escola não os agrada.

Palavras chave: Educação Física; Zona rural; Ensino fundamental.

Abstract: This study aimed to analyzing the reality of physical education classes in a school in the rural zone in the country of MG. We conducted a field study with quali-quantitative approach with data collection by means of two questionnaires, one applied to 24 (n = 32.87%) and elementary school, and another teacher. The data had been treated from a descriptive statistical analysis. In the perception of teacher of the number lessons are few, one per week, which is going against the thoughts of the students (95 %). Spaces and school materials, more than 50% think they be bad, what is also reported by the teacher. 52% said in physical education classes a way of distractions, fun and play. It is concluded that in the perspective of students, the reality of physical education classes in school don't like it.

Keywords: Physical Education; Rural zone; Elementary school.

¹ Acadêmico Curso de Educação Física do Uniaraxá.

² Prof. Mestre do Curso de Educação Física do Uniaraxá.

1 – Introdução

A Educação é um instrumento fundamental para o desenvolvimento de pessoas e da sociedade, tornando a escola um órgão de formação de caráter e conceitos na formação de um indivíduo, cidadão.

A Educação Física no ensino fundamental é de suma importância para a formação do aluno e, desta maneira ela deve ser tratada com muito interesse pelos profissionais da área. Os estudos de Betti e Zuliani (2002) destacam que nos tempos de rápidas transformações sociais que repercutem nas escolas, os professores necessitam se fundamentarem teoricamente a fim de se justificarem perante a escola e a sociedade o que já sabem fazer estreitando as relações entre teoria e prática pedagógica, buscando novos modelos e métodos para que a Educação Física siga formando a integralidade dos alunos, sempre levando em conta a moral e a ética, onde os mesmos devem ser tratados com respeito, e sempre que possível levar em conta nas aulas os conhecimentos que os mesmos trazem de suas experiências de vida.

A Educação Física constitui-se de uma gama ampla de conhecimentos (fisiológicos, históricos, psicológicos, sociológicos, antropológicos, entre outros), mas geralmente, o que se observa na prática educacional deste componente curricular, são aulas desenvolvidas ou dirigidas com enfoque fisiológico, o qual prioriza atividades e contextos relacionados ao gasto calórico, frequência cardíaca, processos metabólicos, frequentemente circunscritos ao âmbito do esporte.

Porém, os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs (BRASIL, 1997, p. 27) indicam que “a área de Educação Física hoje contempla múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento”, compreensão que contribui para o desenvolvimento das aulas de Educação Física na perspectiva da cultura corporal.

Ainda segundo os PCN's (BRASIL, 1997, p.30):

No âmbito escolar da Educação Física, os conhecimentos construídos devem possibilitar a análise crítica dos valores sociais, tais como os padrões de beleza e saúde, que se tornaram dominantes na sociedade, seu papel como instrumento de exclusão e discriminação social [...].

A Educação Física escolar estimula o desenvolvimento orgânico e funcional de uma criança, tendo através das atividades físicas, uma melhora nos fatores de coordenação e execução de movimentos.

A Educação Física escolar tem como objetivo promover a interação e desenvolvimento psicossocial do aluno, tratando todos com igualdade, procurando dar ênfase a prática da cultura corporal. Para Barros e Barros (1972, p, 16):

As atividades de correr, saltar, arremessar, trepar, pendurar-se, equilibrar-se, levantar e transportar, puxar, empurrar, saltitar, girar, saltar corda permitem a descarga da agressividade, estimulam a auto ex-

pressão, concorrem para a manutenção da saúde, favorecem o crescimento e corrigem os defeitos de atitude.

A Educação Física faz com que a escola, seja para o aluno um espaço educativo privilegiado para promover as relações interpessoais, a autoestima e a autoconfiança, valorizando-se aquilo que cada indivíduo é capaz de fazer em função de suas possibilidades e limitações pessoais (COSTA, 2008).

A escola acaba sendo o lugar onde as crianças se socializam com as outras. Na escola acontecem as primeiras relações fora da família, a criança aprende a dividir, conviver, competir, interagir. As aulas de Educação Física têm esse papel. “A Educação Física Escolar deve dar oportunidades a todos os alunos pra que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos” (BRASIL, 2001, p. 29).

Segundo os PCN’s (BRASIL, 2001, p. 15):

O trabalho da Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental é importante, pois possibilita aos alunos terem, desde cedo, a oportunidade de desenvolver habilidades corporais e de participar de atividades culturais, como jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções.

Apesar de conhecermos a importância da disciplina Educação Física nas séries iniciais e finais do ensino fundamental, o governo do estado de Minas Gerais retirou desde 2013 essa disciplina do currículo dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas estaduais.

As escolas das zonas rurais, geralmente, são geridas e mantidas pelos municípios. A escola onde foi desenvolvido esse estudo é uma escola municipal de zona rural de anos iniciais e finais do ensino fundamental, portanto com aulas de Educação Física nos anos iniciais e finais. Porém os questionários foram aplicados apenas com os alunos de anos finais do ensino fundamental.

As escolas rurais têm como características o isolamento, dificuldades de locomoção e pouco acesso a informação. Este isolamento limita as crianças a terem um convívio maior com outras crianças, muitas vezes vivem sozinhas apenas com seus pais e trocam as brincadeiras por trabalho junto aos seus pais nas fazendas.

A educação rural é um objeto de pouco estudo, poucas ou raras são as pesquisas nessa área. Assim, esse estudo busca retratar essa realidade, pouco descrita em estudos bibliográficos. O presente estudo teve como principal objetivo analisar a realidade das aulas de Educação Física de uma escola da zona rural do interior de Minas Gerais; a relação dos alunos com a disciplina; e os materiais e espaços para realização dessas aulas, buscando analisar o que os alunos pensam sobre a importância das aulas de Educação Física para suas vidas. Procurou-se observar a relação da educação física, presente nesta etapa de formação desses alunos, onde essa disciplina se institui como prática pedagógica no espaço escolar voltada para educação do corpo e da sociabilidade.

Por essa razão é necessário construir um referencial teórico sobre a Educação Física nas escolas de zonas rurais e sobre essas escolas.

2 - Desenvolvimento

Escolas Rurais:

Muitas escolas rurais ainda sofrem com a falta de infraestrutura física, com transporte escolar precário, com as salas multisseriadas, onde as diversidades de idade dos alunos são frequentes, entre outros problemas.

As particularidades de cada escola sejam elas relacionadas à infraestrutura existente, funcionários, professores e gestores escolares que são a parte operacional da escola, pode ter relação direta com o desenvolvimento de seus alunos. No contexto socioeconômico, a diferença econômica entre os alunos e a participação da comunidade escolar, pode influenciar o desempenho e evolução dos alunos durante toda a trajetória escolar desses alunos (AUED e VENDRAMINI, 2009).

Para Arroyo (1999, p. 25), “a escola tem que ser mais rica, tem que, incorporar o saber, a cultura, o conhecimento socialmente construído [...]”.

Embora não se tenha uma educação diferenciada para a população que vive na zona rural, as escolas nesses setores possuem características diferenciadas. Os currículos das escolas básicas do campo não podem reproduzir o mesmo currículo adotado pelas escolas da zona urbana. O homem e a mulher do campo e da cidade têm outras necessidades a aprender e a dominar. Essa educação urbanista caracteriza-se como uma postura alienadora que reforça uma educação para privilegiados (ARROYO, 1999).

Vargas (2003, p. 96), diz que:

[...] na zona rural as famílias não se encontram preparadas para enfrentar ou solucionar os problemas propostos pelos educadores de seus filhos. No campo os pais quase não têm tempo para participar dessa parceria, pois na maioria das vezes vão trabalhar nas plantações logo cedo e só voltam ao entardecer, para garantir o sustento da família. Seus filhos também perdem aulas ou abandonam a escola devido às suas tarefas domésticas, tais como arrumar a casa, tomar conta dos irmãos menores e ainda ajudar nas plantações.

Para Fernandes (1999, p. 34):

[...] na maioria dos estados, a escola rural está relegada ao abandono. Em muitos, recebem a infeliz denominação de escolas isoladas. Como predomina a concepção unilateral da relação cidade campo, muitas prefeituras trazem as crianças para as cidades, num trajeto de horas de viagem, por estradas intransitáveis e as colocam em classes separadas das crianças da cidade, reforçando dessa forma a dicotomia presente no imaginário da sociedade.

A educação rural necessita de projetos capazes de dar um suporte para o aluno da zona rural. O que acaba não acontecendo, a educação implantada no Brasil, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), ignora a necessidade de existência de um projeto para a escola rural (FERNANDES, 1999).

Já a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) em seu artigo 28 estabelece as seguintes normas para a educação do campo:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I- conteúdos curriculares e metodologia apropriada às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II- organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III- adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, p. 13).

O Brasil é um país com muita terra e há possibilidade de desenvolvimento da agricultura familiar, de geração de renda, de emprego. Faz-se necessário uma educação voltada à população rural, que possibilite que os alunos não abandonem a zona rural, que possibilite a esses alunos conhecimentos para continuarem no campo ajudando no desenvolvimento do país.

A escola pode e deve aderir a programas capazes de atender às necessidades e deficiências da população da zona rural.

O Programa Educacional Projovem Campo - Saberes da Terra - Saberes de Minas (MINAS GERAIS, 2009), é um programa voltado à população do campo na busca pela educação de jovens e adultos.

A Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais – SEE aderiu ao Programa Nacional de Educação de Jovens e Adultos integrada com qualificação social e profissional para agricultores/as familiares – PROJovem Campo – Saberes da Terra, em julho de 2008. Na abrangência do Programa foram incluídos os chamados “*Territórios da Cidadania*”, considerando os dados referentes ao IDH Territorial e o perfil social da população dessas regiões, além de municípios/regiões que trazem em sua constituição a relevante participação social da população do campo com considerável demanda social de Agricultores Familiares (MINAS GERAIS, 2009).

Outro programa que pode ser destacado como de apoio a melhoria da educação, que pode atender também as escolas situadas na zona rural é o Programa de Intervenção Pedagógica/Alfabetização no Tempo Certo (PIP/ATC), o PIP realiza um trabalho permanente de visitas e acompanhamento nas escolas para possibilitar avanços na gestão pedagógica, propor estratégias de intervenção, apoiar os professores e, assim, garantir a aprendizagem dos alunos no tempo certo (MINAS GERAIS, 2012, p. 4).

Como citado anteriormente, existem projetos e programas para o desenvolvimento das escolas rurais, assim como o desenvolvimento pedagógico dos alunos dessas escolas. Além dos projetos e programas, os governos devem buscar minimizar os problemas e dificuldades nas escolas rurais, como: transporte e vias – rodovias vicinais (geralmente de terra), calendário escolar (não coincidir com o plantio e colheita), alimentação, acesso a informação e tecnologias, infraestrutura, equipamentos e outros. Lembrando que cada região ou unidade escolar tem suas peculiaridades e apresentam dificuldades e problemas distintos, que devem ser analisados individualmente. Ou seja, o artigo 28 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação nacional deve ser respeitada e aplicada.

Ultimamente, assim como as escolas urbanas, as escolas rurais têm encontrado um problema social, a segurança. São comuns termos notícias de que unidades escolares de zonas rurais foram invadidas e roubadas. Que seus equipamentos e suprimentos foram saqueados, furtados ou depredados. Sendo esse outro problema a ser resolvido.

3 - Metodologia

Para análise e confirmação desse estudo foi realizada uma pesquisa de campo, exploratória, com abordagem quali-quantitativa.

A população desse estudo foi composta por 73 (N) alunos dos 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental II, além da professora de Educação Física de uma escola da Zona Rural do interior de Minas Gerais. Destes, 24 (n=32,88% do N) participaram da pesquisa, ou seja, responderam ao questionário, sendo 15 do sexo feminino e 9 do sexo masculino.

Primeiramente foi apresentada a diretora da Instituição, escola, uma carta de apresentação e autorização para realização da pesquisa, solicitando a realização dessa pesquisa na Instituição em que administra.

Os alunos foram convidados a participar da pesquisa, deixando livre para que os próprios alunos decidissem por sua participação, após conversarem e solicitarem autorização dos seus pais.

Os alunos deveriam estar matriculados e frequentes na escola e estarem matriculados na mesma pelo menos há um ano e ter entre 11 e 16 anos de idade.

Os pais assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que o aluno participasse da pesquisa.

No caso da professora, esta assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e estava ministrando as aulas nesta escola a mais de um ano.

Os instrumentos de pesquisa deste trabalho foram dois questionários, um direcionado aos alunos com 15 (quinze) questões, abertas e fechadas. Foram entrevistados 24 alunos de ambos os sexos, matriculados na escola, de 11 aos 16 anos e do 6º ao 9º ano, sendo que cada aluno respondeu o seu próprio questionário, preenchendo-o a mão, antes foi explicado como este deveria ser preenchido. Participaram da coleta de dados alunos de 4 salas distintas, onde estes foram es-

colhidos de modo aleatório, através de um sorteio realizado pela direção da escola com todos os dispostos a participar da coleta de dados. E outro questionário para a professora de Educação Física, com 12 (doze) perguntas, abertas e fechadas.

Esse estudo foi submetido ao Colegiado de Ética em Pesquisa do Uniara-xá e aprovado sob o n.º. 43708/09.

As coletas de dados dessa pesquisa foram realizadas no mês de junho de 2014.

Para a análise dos resultados foi utilizada a estatística descritiva, que é a parte da estatística que procura somente descrever e avaliar um grupo, sem tirar quaisquer conclusões ou inferências sobre um grupo maior (VIEIRA, 1999).

Assim sendo, para a análise dos resultados se utilizou a média aritmética e o desvio padrão que é a medida mais comum da dispersão estatística, ele mostra o quanto de variação ou “dispersão” existe em relação à média (VIEIRA, 1980).

Para análise dos dados qualitativos utilizamos a análise de conteúdo e categorização, segundo Bardin (1977), que diz que classificar elementos em categorias, impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com os outros. Sendo que o que for comum é justamente o argumento que lhes fará pertencer ao mesmo grupo. A categorização tem como primeiro objetivo fornecer uma simplificação dos dados brutos. Deve-se atentar para o fato de que a análise de conteúdo aponta que a categorização não introduz desvios no material, mas traz a luz do conhecimento, índices invisíveis, do que será observado nos dados brutos.

Para Minayo (2000, p. 74), a análise de conteúdo é “compreendida muito mais como um conjunto de técnicas”. Na visão da autora, constitui-se na análise de informações sobre o comportamento humano, possibilitando uma aplicação bastante variada, e tem duas funções: verificação de hipóteses e/ou questões e descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos. Tais funções podem ser complementares, com aplicação tanto em pesquisas qualitativas como quantitativas.

Os dados foram apresentados em tabelas e gráficos de barras.

4 - Resultados e discussão

Entrevista da Professora:

Na escola só existe uma professora de Educação Física, assim fizemos a ela algumas perguntas. A professora tem 42 anos, formou-se em 2006 é pós-graduada em Educação Física escolar, ministra aulas em 2 escolas além desta escola, ministra aulas desde 1998, sendo que desde 2007 ministra aulas de Educação Física para o Ensino Fundamental II.

A professora nos relatou que ministra uma aula por semana por turma, sendo pouco o número de aulas para a disciplina.

Sobre os espaços e materiais das aulas de educação física existente na escola, ela nos disse que são ruins, perguntamos ainda sobre os materiais (bolas, colchões, plintos, cordas, etc) ela nos disse que não tem que tem apenas uma bola.

Pedimos para que a professora desse uma nota de 0 a 10 para a estrutura física da escola, ela disse que daria nota 6, porque de acordo com ela faltam materiais e os espaços estão mau conservados.

Diante do que foi exposto podemos tirar algumas considerações, como a análise da professora com relação ao que lhe é ofertado pela escola, como a falta de recursos e materiais. As escolas públicas, sejam elas de zona urbana ou rural, devem solicitar recursos para adquirirem e melhorarem seus materiais e estruturas, mas esses recursos devem ser bem utilizados e distribuídos. A comunidade escolar, interna e externa, deve acompanhar a solicitação, recebimento e utilização desses recursos, pois irão refletir diretamente no desenvolvimento da escola e consequentemente no trabalho dos seus profissionais e principalmente dos alunos que a frequentam.

As aulas de Educação Física devem apresentar conteúdos teóricos, ela nos disse que ministra uma aula teórica por mês.

O uniforme adequado para prática de Educação Física, não pode ser visto apenas como algo confortável ao praticante, mas também como parte da educação e higiene pessoal do praticante e de quem ministra as aulas, mas a professora nos confirmou que mesmo sem o uniforme adequado (camiseta, short ou bermuda que não seja Jeans, meia e tênis) os alunos também fazem aula. Aqui encontramos um problema constante da Educação Física escolar, pois o aluno tem direito a participar e fazer a aula, porém sabemos que fazer exercícios físicos com roupas e calçados que não são adequados podem dificultar na execução de movimentos, acarretarem problemas motores, causar lesões e principalmente não ser higiênico ao praticante, lhe causando assaduras, odores e outros problemas.

Esse é um dilema constante das aulas de Educação Física Escolar, pois se impedirmos o aluno de participar da aula, alguns ficariam satisfeitos e fariam isso constantemente, outros podem querer participar das aulas, mas não têm condições de adquirirem esse material para utilizarem nas aulas, alguns podem simplesmente esquecer-se de levar no dia da aula, são muitas as variáveis. Poderíamos propor algumas soluções para esse problema, como esse uniforme ser fornecido pelo governo responsável, no caso o município, para cada aluno. Mas acreditamos que o mais importante seria a educação e informação aos alunos que devem aprender e se conscientizarem que para a prática saudável e higiênica de exercícios físicos, se faz necessário o uso de roupas e calçados adequados.

Seguimos questionando se a quadra é frequentada por mais de uma turma ao mesmo tempo e se as aulas são frequentemente canceladas, ela nos disse que mais de uma turma frequenta sim a aula ao mesmo tempo e que as aulas são canceladas com frequência. Outro problema constante das aulas de Educação Física Escolar, além do número de aulas serem pequeno, muitas vezes as aulas são canceladas por vários motivos, palestras, projetos, festejos, visitas, chuva quando o espaço para a aula não tem cobertura apropriada. Quanto à utilização do espaço por mais de uma turma nem sempre isso é um problema, desde que as turmas tenham alunos com idades próximas e que as turmas não sejam grandes, geralmente as turmas de escolas de zonas rurais têm como característica terem um pequeno

número de alunos. Essa escola tinha 73 (setenta e três) alunos para 04 turmas do 6º ao 9º ano, que seria uma média de 18 (dezoito) alunos por sala.

Perguntamos ainda se os esportes são frequentemente abordados durante as aulas, ela nos disse que muito. Assim, perguntamos qual é o esporte mais praticado na escola, ela nos disse que o futebol era o principal esporte sem justificar o motivo. O que não é novidade nenhuma, tanto nas aulas de Educação Física em escolas de zona rural ou urbana, mesmo pela facilidade e comodidade em conduzir essas aulas com pouco material.

Mas, salientamos que as aulas de Educação Física Escolar não podem ser reduzidas a prática de esportes ou simplesmente de uma modalidade esportiva, mesmo sem material, principalmente atividades de recreação, brincadeiras e pequenos jogos podem e devem ser ministradas nessas circunstâncias. O que não se pode aceitar é que o professor seja colocado como “o mestre da criatividade”, que tenha que se adaptar e criar atividades e isso se torne justificativa para não se melhorar os espaços e não se adquirir os materiais para as aulas, simplesmente porque ele consegue trabalhar mesmo em um espaço ruim e sem material. Esse professor sim deveria ser homenageado por esse feito e a melhor homenagem seria a melhoria do seu espaço de trabalho e aquisição de material para que ele possa fazer mais ainda.

Deste modo, ouvir as considerações do professor de Educação Física é importante para o conhecimento do que é desenvolvido por eles através da disciplina. Ao assumir a postura reflexiva, o profissional experiente ou iniciante eleva suas possibilidades de realizar uma análise mais complexa da realidade onde intervém e, tanto em nível pessoal, quanto social, aprimora sua capacidade de voltar-se a si mesmo e construir estratégias de ação capazes de utilizar o conhecimento construído durante a prática, no sentido de empreender nela, as transformações que demanda (COSTA, 2008).

Assim, ao abordarmos a professora pode-se ajudar a compreender a prática da Educação Física na escola. Onde o professor é parte fundamental para o desenvolvimento, abordagem e transmissão de conhecimentos e valores através da Educação Física.

Questionário Apresentado aos Alunos:

Aplicamos um questionário para 24 alunos de uma escola da zona rural questionando sobre suas aulas de Educação Física.

Apresentamos a seguir a tabela de distribuição da amostra por sexo:

Tabela 1. Número de alunos participantes da pesquisa por sexo (Ibiá-MG, 2014).

Amostragem			
Alunos participantes do estudo	Masc (n) 9 (37,5%)	Fem (n) 15 (62,5%)	Total 24 (100%)

Dos 24 alunos que participaram, todos (100%), preencheram corretamente todos os campos do questionário. Todos os alunos participantes da pesquisa (100%), afirmaram que o questionário era claro e que não possuíam palavras difíceis ou termo de difícil compreensão.

A amostra variou com alunos entre 11 e 16 anos, sendo que 6 (seis) destes alunos tinham 13 anos, a idade média é de 13,25 +/- 2,89, ou seja, aproximadamente 13 anos e 3 meses.

Tabela 2. Distribuição por idade dos alunos (Ibiá-MG, 2014).

Idade	Frequência	Frequência Relativa (%)
11 -- 12	8	33,33
12 -- 14	10	41,67
14 -- 16	6	25
Total	24	100

Perguntamos aos alunos qual era o número de aulas por semana na escola. Todos (100%) disseram que é uma aula por semana, confirmando a resposta da sua professora. Questionamos também aos alunos sobre o que pensam com relação ao número de aula por semana na escola. Diante dos resultados encontrados podemos dizer que os alunos queriam um maior número de aulas de Educação Física em sua escola. Embora não seja com um número tão alto (95,83%) como encontrado em nosso estudo, Brandolin (2010, p. 39) encontrou em seus resultados que, “64,8% dos alunos responderam que queriam um número maior de aulas de Educação Física na escola”.

Segundo a LDB (BRASIL, 1996), em seu artigo 26, estabelece a seguinte norma:

§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno.

Embora estipule a obrigatoriedade das aulas de Educação Física nas escolas, as Diretrizes Curriculares Nacionais, não estipulam a quantidade de aulas necessárias deixando que cada escola insira o número de aulas de acordo com seu Projeto Pedagógico (BRASIL, 1996).

Segundo os princípios de desenvolvimento humano e motor o ideal para o desenvolvimento de crianças e adolescentes é que deveríamos ter de 02 a 03 aulas por semana em dias distintos, para que pudéssemos ter continuidade no conteúdo, aprimorar o desenvolvimento motor e as atividades influenciarem em um estilo de vida saudável dos alunos.

Questionamos ainda aos alunos o que eles acham dos espaços e materiais das aulas de educação física (pátio, quadra coberta, campo de futebol, vestiário, etc). Assim percebemos que a maioria dos alunos julga que os espaços e materiais não são de boa qualidade.

Este resultado era esperado devido a comentários dos alunos durante a nossa coleta de dados, muitos relataram que só possuem uma bola e que fazem aulas “embaixo de sol”.

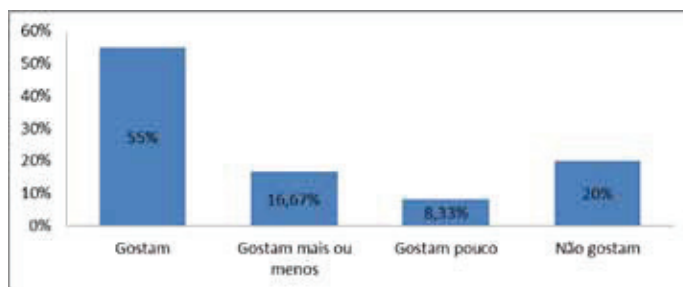
A ausência e a pouca qualidade de espaços físicos e de instalações para o ensino da Educação Física podem ser compreendidos sob dois aspectos: a não valorização social desta disciplina e o descaso das autoridades para com a educação destinada às camadas populares (DAMAZIO, 2008).

Os espaços físicos e estruturas das escolas são importantes para a realização de aulas que contribuam para o desenvolvimento das capacidades físicas e cognitivas dos alunos (COSTA, 2008).

A comunidade escolar, interna (funcionários, professores, alunos) e externa (pais, vizinhos, ex-alunos), deve exigir para o bom desenvolvimento de seus alunos, espaço e materiais de qualidade, para que possa ser oferecida uma educação de qualidade.

Continuando nossos questionamentos, perguntamos o que os alunos sentem em relação à disciplina de Educação Física (Gráfico 1).

Gráfico 1- O que os alunos sentem em relação à disciplina de Educação Física (Ibiá-MG, 2014)



Esta resposta pode ser considerada normal e esperada quando se trata da disciplina de Educação Física, apesar de não terem espaço e materiais adequados. Já que outros estudos como Carneiro (2006), Brandolin (2010) e Darido (2004), já revelaram que as aulas de Educação Física são as aulas que os alunos mais gostam. Lovisolo (1995) encontrou em seu estudo que a Educação Física é a disciplina que os alunos mais gostam.

Já Brandolin (2010), embora tenha encontrado a Educação Física como sendo a disciplina que os alunos mais gostam, percebeu que quando perguntados quais disciplinas os alunos acham mais importante a Educação Física aparece somente em sétimo lugar.

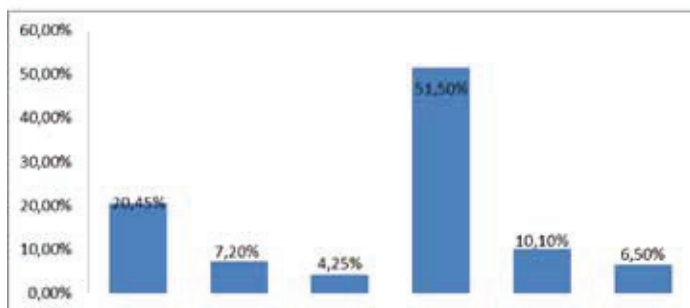
Para Carmo e Gonçalves Junior (2008):

[...] a satisfação que as crianças sentem e demonstram para com a aula de Educação Física é referente à sensação de liberdade e a saída da sala de aula, é o distanciamento do “escrever”, do ficar imóvel

nas carteiras durante horas e da obrigatoriedade de realizar tarefas propostas pelas professoras.

A seguir pedimos aos alunos que enumerassem de 1 a 6 (sendo 1 o mais importante e 6 o menos importante), para que deveriam servir as aulas de Educação Física (Gráfico 2). Sendo assim, demos algumas alternativas para que os alunos pudessem enumerar.

Gráfico 2- Para que deveriam servir as aulas de Educação Física (Ibiá-MG, 2014).



Observamos que a resposta que ficou mais bem classificada pelos alunos (51,5 %) é que as aulas de Educação Física servem para os alunos distraírem, divertirem e recrearem. Este resultado pode ser considerado normal, até pelo fato de sermos abordado na escola onde vários alunos relatavam que queriam aulas diferentes, com coisas novas e que estavam insatisfeitos em se jogar apenas futebol, sendo que apenas alguns participam. Assim, podemos dizer que a Educação Física para os alunos é uma aula para prática de lazer, onde eles desejariam fazer das aulas um espaço de diversão.

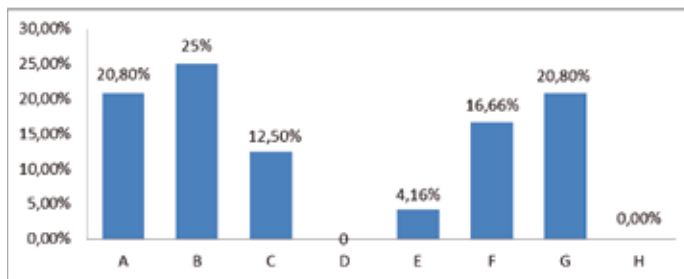
Para os PCNs (BRASIL, 2001, p.15):

O trabalho da Educação Física nas series finais do ensino fundamental é muito importante na medida em que possibilita aos alunos uma ampliação da visão sobre a cultura corporal de movimento, e assim, viabiliza a autonomia para o desenvolvimento de uma prática pessoal e a capacidade para interferir na comunidade, seja na manutenção ou na construção de espaços de participação em atividades culturais, como jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções.

Ou seja, essas aulas de Educação Física não estão atendendo as exigências dos PCN's, as aulas devem abordar os aspectos propostos. A professora deve apresentar os conteúdos e objetivos das atividades das aulas de forma que os alunos compreendam a analogia subjetiva entre as atividades e suas relações psicossociais e culturais.

Questionamos os alunos sobre para que serve o que eles aprendem nas aulas de Educação Física (Gráfico 3). Indicamos a estes algumas alternativas para que estes alunos pudessem marcar e deixamos em aberto outra para que eles pudessem acrescentar algumas outras considerações que achassem pertinentes.

Gráfico 3- Para que serve o que aprendem nas aulas de Educação Física, segundo os alunos (Ibiá-MG, 2014).



Legenda:

- a) Conhecer e aplicar as regras dos esportes praticados nas aulas.
- b) Conhecer melhor o funcionamento do meu corpo.
- c) Saber utilizar as técnicas adequadas nas diferentes atividades físicas.
- d) Ser capaz de desempenhar diferentes papéis (árbitro, capitão de equipe, reserva, etc).
- e) Entender melhor as notícias esportivas dos jornais e televisão.
- f) Aprender a gostar das atividades físicas, e continuar a praticar depois de sair da escola.
- g) Não aprendo nada... não me serve para nada.
- h) Outro. Qual?

De acordo com o que foi apresentado no gráfico 3 constatamos que dentro das possibilidades apresentadas aos alunos, as que obtiveram maior número de marcações (25%, letra B) foi que os alunos acreditam que as aulas de Educação Física servem para que eles conheçam melhor o funcionamento do seu corpo. Percebemos que não tão distante do item mais marcado, outros itens também receberam um percentual grande como, conhecer e aplicar as regras dos esportes praticados nas aulas e não aprendem nada, não lhe servem para nada (ambos com 20,8%, letra A e G respectivamente).

Acreditamos que por terem aulas repetitivas, voltadas apenas para esportes, na maioria das aulas apenas com o futebol, faz com que os alunos tenham essas opiniões sobre as aulas de Educação Física que freqüentam.

Sorroche (2011), em um estudo realizado, encontrou em seus resultados que sobre os benefícios que as aulas de Educação Física podem proporcionar. Os alunos indicaram com maior frequência “saúde” e “prática desportiva”, seguidos de “aprendizado de diferentes jogos e brincadeiras”, “condicionamento físico” e “coordenação motora” em terceiro, quarto e quinto lugares respectivamente.

Segundo os PCNs (BRASIL, 1997, p. 36) corresponde os conhecimentos sobre o corpo:

[...] o aluno deverá, por meio de suas sensações, analisar e compreender as alterações que ocorrem em seu corpo durante e depois de fazer atividades. Poderão ser feitas análises sobre alterações a curto, médio ou longo prazo. Também sob a ótica da percepção do próprio corpo, os alunos poderão analisar seus movimentos no tempo e no espaço: como são seus deslocamentos, qual é a velocidade de seus movimentos, etc.

Seguimos nosso questionário perguntando aos alunos o que eles sentem com relação a sua professora, se esta é entusiasmada na aula.

A partir das respostas dadas, 37,50% acham que a professora é entusiasmada às vezes e 25% poucas vezes, podemos constatar certa indignação dos alunos com respeito ao comportamento de sua professora, haja visto o alto índice de desaprovação que podemos observar. Um aluno chegou a relatar que a professora não lhe dava atenção durante as aulas.

Para Darido (2004, p. 63), “os alunos identificam o professor como o principal responsável pelo gostar ou não da disciplina”.

Neste sentido pode-se dizer que o professor quebra a possibilidade de um relacionamento harmonioso entre ele e o aluno, e se o aluno não se adapta ao controle, ele é considerado rebelde, indisciplinado, quando na verdade pode ser apenas uma forma de não aceitação de imposições estabelecidas pelo professor e pela escola. Há um distanciamento entre professor e aluno no que diz respeito a subjetividade, sendo que, muitas vezes, as relações são mecânicas, ritualistas e sem vida (BACCARELLI et al., 2010).

A relação aluno-professor é essencial para que o aluno possa se interessar pela disciplina e valorizar o conteúdo ministrado. O professor deve assumir o papel principal nessa relação.

Ao questionarmos os alunos pelos esportes de suas preferências nos deparamos com as seguintes respostas: a maioria dos alunos citou o futebol como o esporte que mais gostam (42%), apenas a queimada foi citada como outro esporte que os alunos mais gostam (25%). O futebol ser citado como esporte favorito pode ser considerado como normal, haja vista quanto o futebol é praticado e difundido no Brasil. O que pode ser considerado surpreendente é o fato de apenas a queimada ter sido citada como outro esporte que os alunos mais gostam, além do fato de que respostas como “nada”, “tudo” e qualquer um ter sido muito citada pelos alunos.

Dentre todos os esportes, coletivos ou não, o futebol é indiscutivelmente o mais popular para nossa nação, aquele que tem a capacidade de mobilizar um grande contingente humano em torno de uma causa comum: a vitória (FREITAS FILHO, 1985).

Lembramos, ainda, que as respostas dos participantes podem ter sido efetuadas tendo como referência principal o universo vivenciado nas aulas. É quase impossível gostar ou não de uma atividade que não conhecemos. Essas ponderações nos auxiliam a resistirmos às análises precipitadas ou às perigosas genera-

lizações que pretendam inferir que os esportes sejam conteúdos inadequados ou ultrapassados (DARIDO, 2004).

Abrimos espaço para que os alunos apresentassem o que mais lhes agrada e o que menos lhes agrada nas aulas de Educação Física, a partir das respostas obtidas criamos quadros, onde pudemos categorizar suas respostas, para fazermos uma análise mais aprofundada.

Quadro 1- O que mais agrada os alunos nas aulas de Educação Física (Ibiá-MG, 2014):

Categories/ Apresentação	Descrição	Frequência	(%)
Não participa	“Sair da sala” (Participantes 15 e 17) “Mexer no celular até voltar para a sala” (Participante 13) “Ficar a toa” (Participantes 9 e 20) “Ficar na quadra conversando” (Participante 23)	6	25%
Relação com os alunos	“Integração com os alunos” (Participante 4)	1	4,18%
As aulas	“Jogar” (Participantes 5, 18, 19,) “Participar das aulas” (Participante 1) “Praticar atividades proporcionadas pela professora” (Participante 16)	5	20,83%
Esportes	“Futebol” (Participantes 7, 10, 11, 21 e 24)	5	20, 83%
Novas experiências	“Aprender novas coisas” (Participantes 22 e 6) “Praticar coisas novas” (Participante 8)	3	12,5%
Nada	“Nenhum” (Participantes 12 e 21) “Nada” (Participantes 3) “Nada porque na educação física não tem nada de bom pra fazer” (Participante 14)	4	16,66%
Total		24	100%

Quadro 2 - O que os alunos menos gostam nas aulas de Ed. Física (Ibiá-MG, 2014):

Categories/ Apresentação	Descrição	Frequência	(%)
As aulas	“Ser a mesma aula” (Participante 2) “Ter que ir a aula” (Participantes 5, 20, 13 e 23)	5	20,83%
Esportes	“Praticar o mesmo esporte toda aula” (Participantes 8, 21, 19 e 24) “Outros jogos” (Participante 1) “Vôlei” (Participante 18)	6	25%
Falta de aula	“Ficar sem aula na semana” (Participante 16) “Não fazer nada” (Participantes 3 e 12) “São poucas aulas” (Participante 9)	4	16,66%
Colegas	“Brigar com colegas” (Participante 4)	1	4,16%

Aulas teóricas	<i>“Ficar dentro da sala”</i> (Participantes 6 e 11)	2	8,35%
Professora	<i>“Ver professora ficar conversando”</i> (Participantes 10, 7 e 22) <i>“Professora ficar sentada e conversando”</i> (Participantes 14 e 15) <i>“A professora não dar aula”</i> (Participante 17)	6	25%
Total		24	100%

Ao analisarmos as respostas do questionário notamos uma grande insatisfação dos alunos tanto com as aulas, quanto com o comportamento da professora, onde muitos criticam e desaprovam as aulas de Educação Física.

A Educação Física é uma disciplina obrigatória no currículo do ensino fundamental. Pôde-se observar que os alunos são movidos pelo gosto ao se relacionarem com as aulas de Educação Física. E o significado da Educação Física para estes alunos está relacionado ao modo ou imagem individualista do prazer (CARNEIRO, 2006).

Para finalizar deixamos um espaço livre para que os alunos pudessem acrescentar ou comentar algo sobre a realização desta pesquisa. Muitos elogiaram e acharam interessante o trabalho desenvolvido, alguns aproveitaram para pedir que haja melhorias nas aulas de Educação Física e que o questionário serviu para que eles expressassem sua indignação com as aulas que estão sendo trabalhadas na escola.

Considerações Finais

A partir dos resultados encontrados podemos afirmar que tanto os alunos quanto sua professora de Educação Física, dizem que apenas uma aula por semana é pouco, sendo assim estes queriam que tivesse um número maior de aulas por semana. Assim como também citamos que o ideal seria termos de 02 a 03 aulas por semana em dias distintos para o bom desenvolvimento físico, saúde e relação interpessoal da população desse estudo.

Quanto às condições de materiais e de espaço físico oferecido pela escola para se trabalhar as aulas de Educação Física não são de boa qualidade, sendo que os alunos e também a professora dizem que estes deixam a desejar, o que também podemos observar durante nossas visitas à escola. A melhoria dos espaços e aquisição de materiais são responsabilidades de políticos e gestores, que devem valorizar as Instituições e suas disciplinas.

Ao analisarmos a relação dos alunos com as aulas de Educação Física, constatamos que a maioria dos alunos diz gostar de Educação Física, eles vêm nas aulas uma forma de se distraírem, se divertirem e se recrearem e acreditam que as aulas de Educação Física servem para que eles possam conhecer melhor o funcionamento de seu corpo.

Quando analisamos o sentimento dos alunos com relação com sua professora sentem que ela não é muito entusiasmada durante as aulas e muitos chegaram

a relatar insatisfação com relação a professora durante a aplicação do questionário.

Pode se observar também que o futebol é o esporte que os alunos mais gostam de participar, não por acaso é o esporte mais frequentemente praticado nas aulas, o que inclusive é relatado pela professora da disciplina.

Com base nos questionários respondidos pela professora, pelos alunos e diante do que foi observada em nossas visitas a escola, identificamos aulas com enfoque nos esportes, principalmente o futebol que foi considerado o que foi mais praticado durante essas aulas. Notamos que embora os alunos gostem de jogar futebol, muitos criticam as aulas e reclamam pela falta de aulas diversificadas. O futebol não é o único esporte coletivo ou o mais importante dentre todos na educação física escolar e os alunos devem ter mais vivências e experiências, com outras modalidades esportivas e outras atividades além dos esportes coletivos e/ou individuais.

Finalizando, gostaríamos de salientar que ao darmos a oportunidade de ouvir os alunos e a professora, falando e expressando, demos a oportunidade que eles sejam ouvidos, e suas considerações a respeito da Educação Física sejam valorizadas como de fato devem ser.

Assim, podemos estar contribuindo para que haja aprendizagem constante, em que o diálogo possa existir entre professores, alunos, profissionais da educação, políticos e instituições, para que a educação seja considerada como parte importante na formação de crianças e jovens.

Abrimos espaço também, para que a educação na zona rural seja mais abordada e pesquisada em novos trabalhos, já que hoje existem poucos estudos desenvolvidos no âmbito das escolas dessas regiões.

Referências

AUED, B. W.; VENDRAMINI, C. R. **Educação do campo: desafios teóricos e práticos**. [sn]. Florianópolis: Insular, 2009.

ARROYO, M. G.; FERNANDES, B. M. **Educação básica e o movimento social do campo**. 2. ed. Brasília: Vozes, 1999. 46 p.

BACCARELLI, M. R. T. *et. al.* Relacionamento interpessoal professor-aluno na Educação Física. **Rev. Fac. Unicamp**, Campinas, v. 8, n. 4, 2010. Disponível em: <<http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/view/523>>. Acesso em: 17 out. 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa - Portugal: Edições 70, 1977.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. **Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo: Editora Mackenzie. Ano 1, n. 1, p. 73-81, 2002.

BARROS, D.; BARROS, D. **Educação física na escola primária**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

BRASIL. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação**. 3. ed. Brasília: Ministério da Educação, 1996. 45p.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC / SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física /Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília MEC /SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física 1º e 2º ciclos do ensino fundamental**. 3 ed. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

BRANDOLIN, F. **A percepção dos alunos sobre a educação física no ensino médio**. 2010. 91 f. Tese (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CARMO, C. S.; GONÇALVES JUNIOR, L. Educação física escolar no ensino fundamental: ampliando as possibilidades de participação. In: II Seminário de Estudos em Educação Física Escolar, 2008, São Carlos. **Anais...** São Carlos: CEEFE/UFSCar, 2008, p.108-188.

CARNEIRO, E. B. O olhar dos alunos sobre a Educação Física escolar. **Rev. Digital**, Buenos Aires, v, 11, n. 103, 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd103/educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 19 out. 2014.

COSTA, J. L. D. **A Educação Física nas escolas públicas de ensino fundamental do município de Erechim-RS**. 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado Ciência do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

DAMAZIO, M. S; SILVA, M. F. P. O ensino da educação física e o espaço físico em questão. **Rev. Pensar a Prática**. [s.i], v.11, n. 2, p.189-196, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view./3590>>. Acesso em: 14 out. 2014.

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Rev. Bras. Educ. Física e Esporte**, São Paulo, v. 18. n.1, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16551/18264>>. Acesso em 28 set. 2014.

FERNANDES, B. M. Por uma educação Básica no Campo. In: ARROYO, M. G; FERNANDES, B. M. **Educação básica e o movimento social do campo**. 2. ed. Brasília: Vozes, 1999. p, 27- 46.

FREITAS FILHO, L. A. Cobertura esportiva no rádio e no jornal. In: DIEGUEZ, G. H. (org.) **Esporte e poder**. Petrópolis. Ed. Vozes, 1985

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Orientação Conjunta SB- SG n. 01/2009**. Belo Horizonte, MG, 2009.

_____. Secretaria de Estado de Educação. **Programa de Intervenção Pedagógica/Alfabetização no Tempo Certo (PIP/ATC)**. Belo Horizonte, MG, 2012.

MINAYO, M. C. S. *et.al.* **Qualidade de vida e saúde um debate necessário**, 2000. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csc/v5n1/7075.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2014.

SOARES, C. *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. [sn] São Paulo: Cortez, 1992.

SORROCHE, Eduardo Manzano. **Perspectivas dos alunos do ensino fundamental quanto às aulas de educação física**. Revisado em 2011. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/simposio2011/publicado/artigo0121.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

VARGAS, S. M. de. Processos de formação e aprendizagem no meio rural: o continuum família-escola. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set./out./nov./dez. 2003.

VIEIRA, S. **Introdução à Bioestatística**. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus. 1980.

VIEIRA, S. **Estatística Experimental**. 2. ed. São Paulo: Atlas. 1999.

* **Ademir Goulart Dias:**

* **Cláudio Luiz Neves Júnior:**

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3318302365515234>

